



A Formação Filosófica e o Desafio de Ensinar Filosofia na Educação Básica

*Raila Suelen Pereira Viana¹; Rosiane da Silva Xavier²; Ginete Cavalcante Nunes³;
Hosanete Farias Porto dos Anjos⁴; Hidemburgo Gonçalves Rocha⁵; Lindemberg Rocha Freitas⁶*

Resumo: Este artigo se propõe a investigar a formação filosófica e as dificuldades que os professores encontram ao ensinar Filosofia na educação básica. Entende-se que a formação de professores nesta área deve ir além do simples domínio de conteúdos teóricos, incluindo uma perspectiva crítica, ética e política que permita à prática educativa se tornar uma ação emancipadora. A pesquisa, embasada em teóricos como Saviani (2011), Freire (1996), Gallo (2002) e Chauí (2000), evidencia a relevância de uma formação que una teoria e prática, estimulando o pensamento autônomo e crítico dos alunos. É evidente que, em meio a reformas curriculares e políticas educacionais que frequentemente menosprezam as ciências humanas, o ensino de Filosofia se posiciona como uma forma de resistência, promovendo a formação de indivíduos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. A pesquisa também revela que o professor de Filosofia deve assumir o papel de mediador no diálogo, promovendo o questionamento e o uso da razão como ferramentas de liberdade. É evidente que, para consolidar uma educação que verdadeiramente humaniza, é fundamental fortalecer a formação filosófica, especialmente no que se refere à democracia, à justiça social e ao pensamento crítico.

Palavras-chave: Filosofia; Formação docente; Educação básica; Pensamento crítico; Práxis emancipadora.

¹ Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo IF Sertão PE- Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano- IF Sertão PE. E-mail: raila.suelen@aluno.ifsertao-pe;

² Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo IF Sertão PE- Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano- IF Sertão PE. E-mail: rosianexavier1981@hotmail.com;

³ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Cursa Mestrado Profissional em Filosofia pelo IF Sertão PE- Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano- IF Sertão PE. E-mail: ginetecavalcante@gmail.com ORCID: 0000-0001-6006-9702;

⁴ Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Servidora pública Federal, Assistente Administrativa da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. hosanetep@gmail.com;

⁵ Biólogo. Doutor em Farmacologia pela Universidade Federal do Ceará –UFC. Professor da Faculdade de Medicina do Cariri (UFCA) e da Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: hidemburgo.rocha@hotmail.com;

⁶ Doutor em Ciências e Tecnologia de alimentos pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Titular do Instituto Federal do Ceará. lindembergrocha@yahoo.com.br.

Philosophical Training and the Challenge of Teaching Philosophy in Basic Education

Abstract: This article aims to investigate philosophical training and the difficulties teachers encounter when teaching Philosophy in basic education. It posits that teacher training in this field must go beyond the mere mastery of theoretical content, incorporating a critical, ethical, and political perspective that enables educational practice to become an emancipatory act. Grounded in the work of theorists such as Saviani (2011), Freire (1996), Gallo (2002), and Chauí (2000), the research highlights the importance of training that bridges theory and practice, fostering students' autonomous and critical thinking. Amidst curricular reforms and educational policies that often undervalue the humanities, the teaching of Philosophy clearly stands as a form of resistance, promoting the development of individuals who are critical and aware of their role in society. The research also reveals that the Philosophy teacher must act as a mediator in dialogue, encouraging questioning and the use of reason as tools for freedom. Clearly, to consolidate an education that truly humanizes, it is essential to strengthen philosophical training, particularly regarding democracy, social justice, and critical thinking.

Keywords: Philosophy; Teacher training; Basic education; Critical thinking; Emancipatory praxis.

Introdução

A Filosofia, quando ensinada na educação básica, ocupa um lugar de destaque e singularidade no panorama educacional, pois é a disciplina que lida diretamente com o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia intelectual e da consciência ética e reflexiva. Numa sociedade da informação, do consumo, da superficialidade dos discursos, pensar filosoficamente é um ato de resistência e libertação. É nesse sentido que a formação filosófica do professor se torna indispensável para uma prática pedagógica que não se limite a apenas transmitir conteúdos e datas, mas que capacite o aluno a entender o mundo e a agir de forma crítica sobre a realidade (Maamari, 2024).

Como diz Saviani (2011), a formação do professor deve ser entendida como um processo dialético que integra teoria e prática, reflexão e ação. Quando se trata do professor de Filosofia, essa relação se torna ainda mais intrincada, pois ele é incumbido de formar indivíduos que possam questionar as estruturas sociais, políticas e culturais que os cercam (Lyra (2024). Assim, ensinar Filosofia é proporcionar momentos de debate e questionamento, onde o aluno se vê como um agente de mudança, e não apenas como um absorvedor de informações.

No entanto, o ensino de Filosofia na educação básica brasileira é repleto de obstáculos. A diminuição do papel dessa disciplina no currículo escolar, a falta de materiais didáticos apropriados, a ausência de tempo para discussões e as políticas educacionais focadas em resultados rápidos prejudicam o caráter crítico e humanizador dessa área. Com a Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017), a Filosofia teve sua presença no currículo ainda mais fragilizada, muitas vezes reduzida a discussões rasas e desconectadas da realidade social dos alunos.

Perante tal contexto, é premente reavaliar a formação filosófica. Segundo Gallo (2002), o ensino de Filosofia deve ser concebido como uma prática dinâmica, que estimule nos alunos o interesse por pensar, questionar e criar seus próprios significados. Nesse sentido, o papel do professor é o de mediador do pensamento, aquele que provoca, instiga, possibilita a conversa e o estudante desenvolve a sua autonomia intelectual. Paulo Freire (1996) corrobora essa perspectiva ao declarar que ensinar é um ato de amar, de ter coragem, de se comprometer com a liberdade, e que não existe docência sem discência, já que ensinar é sempre um ato de aprender.

Portanto, falar da formação filosófica é falar do próprio papel da educação em meio a uma crise de valores, da desinformação e da ausência de um sentido ético. O ensino de Filosofia deve ser compreendido como uma práxis que transforma e capacita indivíduos a se tornarem críticos e conscientes de sua posição na história. O presente artigo, portanto, tem como propósito discutir os desafios que a formação do professor de Filosofia enfrenta e suas consequências para o ensino na educação básica, levando em conta as dimensões epistemológicas, éticas e políticas do ato educativo.

A Formação Filosófica e sua Dimensão Crítica

O professor, filósofo por formação, é o primeiro ponto a ser considerado para entender o que torna o ensino de Filosofia na educação básica tão particular. Não se trata apenas de saber conteúdos históricos ou conceituais, mas de ter uma atitude crítica em relação ao mundo e à própria prática educativa (Gelamo, 2023). De acordo com Saviani (2011), a formação dos professores deve integrar teoria e prática, deixando para trás o modelo tecnicista que desvincula o conhecimento da ação. No que diz respeito à Filosofia, essa conexão é indispensável, uma vez que refletir filosoficamente implica desafiar as bases do conhecimento, da moralidade, da política e da existência.

Freire (1996) enfatiza a importância da formação filosófica ao afirmar que “ensinar exige pensar certo”. No entendimento do educador, o professor deve intervir no processo de tomada de consciência, auxiliando os estudantes na interpretação e na atuação sobre a realidade. Dessa forma, a formação do professor de Filosofia deve incluir uma formação política que o posicione como um agente histórico dedicado à mudança social. Com esse enfoque, o ensino de Filosofia se transforma em um espaço de resistência contra o pensamento dominante e a falta de engajamento cultural.

Gallo (2002) vai ao encontro dessa ideia ao sustentar que ensinar Filosofia é, em primeiro lugar, fazer filosofia. Essa afirmação revela uma visão de ensino que vai além da simples transmissão de conteúdos e autores, sugerindo uma prática dinâmica, criativa e interativa, onde o pensamento se transforma em ação e vivência. Não se trata de ensinar Filosofia, nesta perspectiva, como mera repetição de conceitos clássicos ou como apresentação cronológica de sistemas filosóficos, mas de provocar situações nas quais o aluno se descubra sujeito pensante, interrogador, duvidoso, interpretador do mundo que o rodeia.

Nesse sentido, o professor é visto como um instigador de ideias, um facilitador do pensamento que não oferece respostas imediatas, mas estimula questionamentos e provoca a curiosidade intelectual. Trata-se de uma abordagem pedagógica se relaciona ao ideal socrático da maiêutica, onde o conhecimento é produzido através do diálogo e da troca de ideias. Assim como Sócrates convertia Atenas em uma escola a céu aberto, o docente de Filosofia precisa fazer da escola um espaço de reflexão, um lugar onde o espanto, a dúvida e a disputa argumentativa sirvam como ferramentas para o autoconhecimento e a formação crítica.

Essa ideia contrasta com a perspectiva clássica e elitista da Filosofia, muitas vezes considerada uma disciplina abstrata, alheia à realidade e reservada a poucos privilegiados. Ao contrário, Gallo (2002), sugere uma filosofia que se vive no dia a dia, nas práticas sociais, nas decisões éticas e nas disputas humanas. Assim, a sala de aula passa a ser o ambiente ideal para a vivência da filosofia, onde o estudante é incentivado a refletir sobre as questões que o afetam: o propósito da vida, o que é bom e o que é mau, a justiça, a liberdade, a solidariedade e o amor.

Essa perspectiva também ajuda a formar professores que se comprometem com a escuta e o diálogo. O professor de Filosofia não deve ditar suas opiniões, mas sim aprender a criar conhecimento junto com seus alunos, reconhecendo-os como parceiros válidos na reflexão. Essa postura dialogal, que se baseia em Paulo Freire (1996), humaniza a relação pedagógica, onde o ensinar e o aprender se constituem como um ato permanente de troca de saberes e experiências.

Quando o professor faz filosofia com os alunos, ele também está formando habilidades fundamentais como argumentação, empatia e escolha consciente de ações éticas. Quando a Filosofia é vivenciada dessa forma, ela deixa de ser um domínio alheio à realidade dos jovens e se torna um meio de transformação tanto pessoal quanto social (Koan, 2022). Segundo Lipman (1990), o ensino da filosofia deve ser capaz de formar comunidades de investigação onde os alunos aprendam a pensar de forma crítica, criativa e responsável.

Assim, ensinar Filosofia é transformar a escola em um lugar significativo, onde o pensamento se traduz em ação e o diálogo se transforma em uma oportunidade de emancipação. O professor, agindo dessa maneira, não apenas ensina filosofia, ele a encarna. Além disso, esse ato reitera a função da educação como um meio de emancipação e da Filosofia como um percurso em direção à autonomia, à ética e à formação de uma sociedade mais justa e consciente.

Desafios da Prática Docente em Filosofia

O ensino de Filosofia na educação básica lida com uma série de obstáculos, tanto estruturais quanto pedagógicos. A descontinuidade das políticas públicas, a diminuição da carga horária, a falta de materiais didáticos apropriados e a ausência de formação continuada prejudicam a efetivação de uma prática filosófica crítica nas escolas. Chauí (2000) adverte que a Filosofia, se reduzida a um conteúdo curricular, deixa de formar e se torna apenas um jogo de memorização. Não se trata de ensinar Filosofia como se ensina uma doutrina qualquer, mas de formar indivíduos que consigam pensar por si mesmos.

Um dos maiores desafios reside na própria situação do professor. São muitos os docentes de Filosofia que entram nas escolas com a formação acadêmica restrita ao campo das teorias e das discussões, sem um contato maior com métodos didáticos próprios da disciplina. Como afirma Aranha (2006), é necessário reconsiderar os cursos de licenciatura em Filosofia, para que a formação teórica não sobreponha a formação pedagógica, incentivando a elaboração de práticas reflexivas e criativas. É fundamental que o ensino de filosofia se comunique com a realidade do estudante, abordando as questões éticas, sociais e políticas do mundo atual.

Além disso, o atual ambiente educacional, intensamente influenciado pelas tecnologias digitais e pela cultura da conexão, traz novos desafios para a prática dos professores. A sociedade contemporânea está cercada por um incessante movimento de dados, imagens e falas que não alteram apenas as maneiras de se comunicar, mas também os modos de aprender,

refletir e se relacionar (Gallo, 2021). Nesse contexto, o professor de Filosofia deve ocupar um lugar ainda mais importante: o de guiar o estudante na elaboração de uma leitura crítica do mundo digital, auxiliando-o a diferenciar informação de conhecimento, opinião de argumento, aparência de verdade.

De acordo com Moran (2015), o docente deve reimaginar sua forma de ensinar, empregando os recursos tecnológicos não apenas como meros substitutos do pensamento ou da aula expositiva, mas como ferramentas de mediação, diálogo e inovação. As tecnologias, quando bem inseridas na prática pedagógica, podem expandir o espaço da reflexão filosófica, favorecendo uma participação mais ativa dos alunos e o fortalecimento da autonomia intelectual. Ambientes digitais, como plataformas digitais, podcasts, vídeos e redes sociais, se tornam possíveis para a disseminação do pensamento filosófico, desde que utilizados com uma intenção educativa e uma postura crítica.

Nesse sentido, Pierre Lévy (1999) enfatiza que o ciberespaço constitui um novo domínio de construção coletiva do conhecimento, onde a inteligência se transforma em conectiva e colaborativa. Essa concepção se relaciona com a proposta de educação dialógica de Freire, onde o conhecimento é construído através do encontro entre pessoas e na troca de vivências. Dessa forma, a Filosofia pode aproveitar as capacidades das tecnologias para reconfigurar o pensar, convertendo o ambiente virtual em um espaço de reflexão ética, política e estética.

Entretanto, a presença das tecnologias pede também cuidado e sabedoria. Segundo Kenski (2012), apenas inserir tecnologias digitais na escola não é suficiente para promover inovação ou pensamento crítico, e pode até reforçar métodos tradicionais se não houver uma análise de como essas ferramentas serão utilizadas. Nesse aspecto, é dever do professor de Filosofia fazer aquilo que Freire (1996) chamava de “leitura do mundo”, isto é, promover a compreensão crítica das mensagens, discursos e valores que circulam nas mídias e redes sociais. A função do educador é exatamente tornar o aluno um agente ativo diante da sobrecarga de informações, estimulando-o a refletir, debater e interagir de forma ética e responsável.

Assim, o ensino de Filosofia na era digital precisa encontrar um meio-termo entre o que é clássico e o que é moderno. A aplicação das tecnologias deve reforçar, e não diminuir, a prática do pensamento crítico, criativo e libertador. Ao utilizar as mídias digitais como instrumentos de ensino, o educador potencializa a disseminação da reflexão filosófica e ajuda a formar cidadãos que atuem de maneira ética e politicamente conscientes em um mundo globalizado (Lyra, 2024). É por isso que a Filosofia também se reafirma como importante para

os nossos dias: ser o lugar da pausa, da incerteza, da escuta, no meio da pressa e da fragmentação da era digital.

Filosofia como Práxis Emancipadora

Um dos papéis centrais da Filosofia, tanto como saber quanto como prática educativa, é contribuir para a formação da consciência crítica e para a emancipação do ser humano. Saviani (2008) nos diz que a educação funciona como uma ponte entre o indivíduo e a sociedade, e que ensinar implica um compromisso com a redução das desigualdades e a promoção de uma cultura que liberta. Nesse sentido, ensinar Filosofia deve ser entendido como uma práxis, um entrelaçamento de teoria e prática que transforma o sujeito e a realidade.

Paulo Freire (1987) enfatiza essa perspectiva em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, na qual propõe uma educação que liberta, fundamentada no diálogo e na reflexão crítica. O professor de Filosofia, ao manter uma postura dialógica, permite que o aluno perceba que pode pensar criticamente, questionar o mundo e sugerir alternativas éticas e políticas. A prática filosófica, por conseguinte, representa um exercício tanto de liberdade quanto de responsabilidade.

De acordo com Adorno (1995), a educação deve servir como um antídoto contra a barbárie e favorecer a autonomia do pensamento. Assim, ensinar Filosofia é um gesto ético-político no sentido de evitar a reprodução da irracionalidade e da aceitação passiva. Quando a escola é também um local de reflexão filosófica, ela ajuda a formar cidadãos que conhecem seus direitos e deveres, que entendem a importância da democracia e do respeito às diferenças.

Assim, a formação filosófica do educador se reveste de um caráter libertador, pois não se resume à simples transmissão dos conteúdos conceituais ou históricos da filosofia. Ela se guia pela habilidade de questionar a realidade, de estimular o pensamento independente e de fomentar a reflexão crítica como um exercício de liberdade. A filosofia, nesse sentido, não é vista como um conjunto fixo de ensinamentos, mas como um processo dinâmico de investigação e reinterpretação do significado da experiência humana.

Conforme argumenta Kant (1784) em sua famosa obra *Resposta à Pergunta: O que é o Esclarecimento?*, a emancipação se realiza quando o sujeito ousa fazer uso público de sua própria razão, deixando para trás a menoridade imposta pela tutela alheia. Esse conceito é essencial para entender a função da filosofia na educação: capacitar indivíduos a pensarem de maneira independente, a tomarem decisões fundamentadas em princípios racionais e éticos, e a

agirem com responsabilidade em relação ao mundo que os cerca. Dessa maneira, o professor de Filosofia assume o papel de um facilitador do esclarecimento, guiando o estudante para que ele ultrapasse o conformismo e a inércia intelectual.

Nessa linha, Freire (1996) acrescenta que é preciso respeitar a autonomia do educando ao ensinar. A prática do ensino, quando guiada por uma perspectiva filosófica libertadora, converte a sala de aula em um ambiente de diálogo e atenção, onde o conhecimento é desenvolvido de maneira colaborativa e crítica. O docente não se apresenta como o portador do conhecimento, mas sim como alguém que também aprende com os outros, estabelecendo uma relação horizontal que favorece o desenvolvimento do pensamento e da consciência ética.

Logo, formar-se filosoficamente é constituir uma atitude ética e questionadora sempre em atualização. Conforme Adorno (1995), a autêntica educação é a que evita a repetição da barbárie, ou seja, a que capacita indivíduos a resistir à manipulação, à intolerância e ao autoritarismo. Quando orientado por essa perspectiva, o ensino de Filosofia fortalece a democracia e os direitos humanos, promovendo a capacidade de julgamento, a compreensão do outro e o engajamento em prol do bem comum.

Assim, o docente de Filosofia tem a missão de atuar como um catalisador de mudanças sociais. Sua função vai além de ensinar a pensar; é ensinar a pensar de forma crítica, a desafiar o que é convencional e a tomar atitudes éticas diante das injustiças e contradições do mundo. Ao estimular a reflexão e a conversa, ele auxilia os estudantes a se verem como detentores de direitos e responsabilidades, aptos a agir sobre a realidade e a criar uma sociedade mais justa, solidária e humana. No final das contas, ensinar Filosofia é ensinar a liberdade. A liberdade de entender, avaliar e mudar o mundo.

Considerações Finais

Considerar a formação filosófica e o desafio de ensinar Filosofia na educação básica implica reconhecer que a função do professor transcende a mera transmissão de conteúdos ou a preparação para testes. É uma tarefa, por excelência, humanizadora, que visa à formação integral do indivíduo, apto para pensar criticamente e agir eticamente no convívio social. A Filosofia, nesse aspecto, transcende o ensino formal, é uma perspectiva, uma prática de reflexão e emancipação que ocorre através do diálogo, da escuta atenta e da análise crítica das vivências do dia a dia.

Seguindo as ideias de Freire (1996), Saviani (2011), Gallo (2002; 2024). Gelamo (2023), Maamari (2024) e Chauí (2000), a formação do professor de Filosofia não pode ser apenas teórica, mas deve relacionar teoria e prática, reflexão e ação, crítica e ética. Dar aulas de Filosofia é dar aulas de pensamento e pensar, aqui, é um ato de resistência contra as pressões utilitaristas e tecnicistas que imperam nas atuais políticas educacionais. Assim, o professor de filosofia deve ser um facilitador do pensamento e um agente de mudança social, dedicado à promoção da autonomia intelectual e moral de seus alunos.

Logo, tornar mais robusta a formação filosófica num contexto educacional que, por um lado, desvaloriza as humanidades e, por outro, padroniza o saber, é uma questão de imperativo ético e político. A Filosofia fortalece uma educação que é democrática, crítica e libertadora, ajudando a formar indivíduos que são livres e que reconhecem seu papel e responsabilidade no mundo. Portanto, o ensino de filosofia na educação básica deve ser reafirmado como um espaço de criação, diálogo e emancipação, uma prática que, ao questionar, humaniza e transforma.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALLO, Silvio. **Filosofia na escola: ensaios sobre o ensino de Filosofia**. Campinas: Papirus, 2002.
- GALLO, Silvio. **Filosofia na escola: o desafio da formação crítica na sociedade da informação**. Campinas: Autores Associados, 2021.
- GELAMO, Rodrigo Pelloso. *Ensino de Filosofia e formação docente: desafios contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 2023.
- KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento?** In: _____. *Textos seletos*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KOHAN, Walter Omar. *A escola pública e a filosofia: experiências de pensamento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPMAN, Matthew. **Filosofia na sala de aula**. Tradução de Ana Luiza Araújo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LYRA, Edgar. Ensino de Filosofia e Formação de Opinião na Era Técnica. **Educação e Filosofia**, v. 38, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v38a2024-68053> (doi.org in Bing).

MAAMARI, Adriana Mattar. A especificidade e a transversalidade do Ensino de Filosofia na educação Básica brasileira: desafios frente ao cenário contemporâneo e à BNCC. *Educação e Filosofia*, v. 38, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v38a2024-68058>.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. In: BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2015.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

●

Recebido: 02/05/2026; Aceito: 02/06/2026; Publicado: 31/07/2026.